

SUMÁRIO

PORTUGUÊS	11
→ ORTOGRAFIA - CASOS GERAIS E EMPREGO DAS LETRAS.....	11
→ ACENTUAÇÃO.....	11
→ SUBSTANTIVO	11
→ ADJETIVO	13
→ CONJUGAÇÃO, RECONHECIMENTO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS.....	14
→ CORRELAÇÃO VERBAL.....	26
→ LOCUÇÃO VERBAL.....	29
→ PRONOMES PESSOAIS.....	32
→ PRONOMES RELATIVOS.....	33
→ PREPOSIÇÃO.....	37
→ CONJUNÇÃO.....	38
→ INTERJEIÇÃO	41
→ SIGNIFICAÇÃO DE VOCÁBULO E EXPRESSÕES.....	41
→ FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO	48
→ PONTUAÇÃO (PONTO, VÍRGULA, TRAVESSÃO, ASPAS, PARÊNTESES ETC.)	49
→ REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL (CASOS GERAIS).....	56
→ CRASE.....	59
→ INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (COMPREENSÃO).....	64
→ TIPOLOGIA E GÊNERO TEXTUAL.....	78
HISTÓRIA DO BRASIL	85
→ COLONIZAÇÃO E CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DA AMÉRICA PORTUGUESA.....	85
→ POLÍTICA E ECONOMIA COLONIAIS.....	85
→ ARTES, CULTURA E SOCIEDADE COLONIAIS.....	86
→ MOVIMENTOS EMANCIPACIONISTAS	87
→ A COLÔNIA E O MUNDO: A METRÓPOLE, AS INVASÕES E OS VIZINHOS.....	87
→ A FUGA DA FAMÍLIA REAL E AS REFORMAS JOANINAS	87
→ A CRISE DO SISTEMA COLONIAL, A CRISE PORTUGUESA E A PARTIDA REAL	88
→ A INDEPENDÊNCIA (1822) E A GUERRA DE INDEPENDÊNCIA.....	88
→ A CONSOLIDAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA E A CONSTITUIÇÃO DE 1824	88

→ POLÍTICA E ECONOMIA NO PRIMEIRO REINADO.....	90
→ POLÍTICA NO SEGUNDO REINADO	90
→ ECONOMIA NO SEGUNDO REINADO E A QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO	90
→ QUESTÃO DA ESCRAVIDÃO	91
→ CRISE DO ESTADO MONÁRQUICO	92
→ PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, OS GOVERNOS MILITARES E A CONSTITUIÇÃO DE 1891	93
→ A POLÍTICA E O SISTEMA DE GOVERNABILIDADE DA PRIMEIRA REPÚBLICA	93
→ ECONOMIA NA PRIMEIRA REPÚBLICA	94
→ MOVIMENTOS DE CONTESTAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA: DE CANUDOS AO TENENTISMO.....	95
→ POLÍTICA EXTERNA NA PRIMEIRA REPÚBLICA E O BRASIL NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	95
→ ARTES, CULTURA E SOCIEDADE NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	96
→ O GOLPE DE 1930 E O GOVERNO PROVISÓRIO (1930-1934).....	96
→ GOVERNO CONSTITUCIONAL (1934-1937) E A CONSTITUIÇÃO DE 1934	97
→ O ESTADO NOVO (1937-1945): A GUINADA AUTORITÁRIA E A CONSTITUIÇÃO DE 1937.....	97
→ O POPULISMO VARGUISTA E AS GRANDES REFORMAS	98
→ BRASIL E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	98
→ O PÓS-GUERRA E A CRISE FINAL DO ESTADO NOVO	99
→ HISTÓRIA DA BAHIA.....	99

GEOGRAFIA DO BRASIL 103

→ ENERGIA NO BRASIL	103
→ URBANIZAÇÃO BRASILEIRA.....	103
→ DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	104
→ PLANEJAMENTO E ZONEAMENTO AMBIENTAL	105
→ MUDANÇAS CLIMÁTICAS E AQUECIMENTO GLOBAL	105
→ POLÍTICA E GESTÃO AMBIENTAL NO BRASIL.....	105
→ GEOLOGIA E RELEVO.....	106
→ CLIMAS DO BRASIL.....	106
→ GEOGRAFIA DA BAHIA.....	107

MATEMÁTICA 109

→ DEFINIÇÃO, SUBCONJUNTOS, INCLUSÃO E PERTINÊNCIA, OPERAÇÕES, CONJUNTO DAS PARTES.....	109
→ NÚMEROS DE ELEMENTO DA UNIÃO, DA INTERSECÇÃO, DO COMPLEMENTO E DA DIFERENÇA	109
→ NÚMEROS NATURAIS: INTRODUÇÃO, REPRESENTAÇÃO, PROPRIEDADES	111
→ ADIÇÃO, SUBTRÇÃO, MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO DE NÚMEROS NATURAIS	111
→ DIVISIBILIDADE, NÚMEROS PRIMOS, FATORES PRIMOS, DIVISOR E MÚLTIPLO COMUM (MMC).....	114
→ FRAÇÕES E DÍZIMAS PERIÓDICAS.....	116
→ OPERAÇÕES COM NÚMEROS DECIMAIS.....	118
→ RADICIAÇÃO E POTENCIAÇÃO	119
→ ANÁLISE COMBINATÓRIA (PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA CONTAGEM, ARRANJOS, COMBINAÇÕES, PERMUTAÇÕES)	119

→ EQUAÇÕES DE PRIMEIRO GRAU	120
→ EQUAÇÕES DE SEGUNDO GRAU E EQUAÇÕES BIQUADRADAS	125
→ EQUAÇÕES EXPONENCIAIS	126
→ SISTEMAS LINEARES	126
→ POLINÔMIOS E EQUAÇÕES POLINOMIAIS. EXPANSÃO DE BINÔMIOS. TRIÂNGULO DE PASCAL	127
→ CONGRUÊNCIA E SEMELHANÇA DE TRIÂNGULOS. RAZÃO DE SEMELHANÇA.....	127
→ ÁREA E PERÍMETRO DO TRIÂNGULO	128
→ QUADRILÁTEROS (PROPRIEDADES, ÁREA, PERÍMETRO, SOMA DOS ÂNGULOS, ETC).....	129
→ POLÍGONOS REGULARES (MEDIDA DO LADO, DIAGONAL, APÓTEMA E ÁREA; ÂNGULO INTERNO).....	130
→ GEOMETRIA ESPACIAL	130
→ GEOMETRIA ANALÍTICA	132

INFORMÁTICA135

→ CONCEITOS GERAIS DE INFORMÁTICA E INTRODUÇÃO	135
→ WINDOWS 7.....	136
→ WINDOWS 10.....	138
→ LINUX / UNIX	142
→ WORD 2010.....	143
→ WORD 2013.....	145
→ WORD 2016.....	146
→ WORD 2019.....	147
→ EXCEL 2010.....	147
→ EXCEL 2013.....	152
→ EXCEL 2016.....	157
→ EXCEL 2019.....	158
→ POWERPOINT 2010	158
→ POWERPOINT 2013	159
→ POWERPOINT 2016	159
→ WRITER.....	159
→ CALC	160
→ IMPRESS.....	160
→ CONCEITOS DE INTERNET.....	160
→ INTRANET E EXTRANET.....	160
→ RECURSOS, CAMPOS, ENDEREÇAMENTO (CORREIO ELETRÔNICO).....	160
→ COMPUTAÇÃO EM NUVEM (CLOUD COMPUTING).....	161

DIREITO CONSTITUCIONAL165

→ DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA CONSTITUIÇÃO (ARTS 1º A 4º DA CF, DE 1988).....	165
→ CARACTERÍSTICAS (DIREITOS FUNDAMENTAIS).....	168
→ DOS MILITARES DOS ESTADOS, DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS (ART. 42 DA CF, DE 1988).....	170

→ SEGURANÇA PÚBLICA (ART. 144 DA CF, DE 1988).....	170
→ CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DA BAHIA	171
DIREITOS HUMANOS	173
→ DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (DUDH).....	173
→ PACTO INTERNACIONAL SOBRE DIREITOS ECONÔMICOS, SOCIAIS E CULTURAIS (PIDESC)	174
→ CONVENÇÃO AMERICANA SOBRE DIREITOS HUMANOS.....	175
DIREITO ADMINISTRATIVO	179
→ ORIGEM, CONCEITO E FONTES DO DIREITO ADMINISTRATIVO	179
→ PODER VINCULADO E DISCRICIONÁRIO	179
→ PODER REGULAMENTAR.....	181
→ PODER HIERÁRQUICO	184
→ PODER DISCIPLINAR	186
→ PODER DE POLÍCIA.....	189
→ ABUSO DE PODER: EXCESSO DE PODER E DESVIO DE FINALIDADE (PODERES DA ADMINISTRAÇÃO)	196
→ CONCEITOS (SERVIÇOS PÚBLICOS, LEI 8.987).....	196
→ CLASSIFICAÇÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS	198
→ PRINCÍPIOS (SERVIÇOS PÚBLICOS, LEI 8.987)	199
→ REPARTIÇÃO DE COMPETÊNCIAS (SERVIÇOS PÚBLICOS).....	201
DIREITO PENAL	203
→ CRIME IMPOSSÍVEL.....	203
→ TENTATIVA (CRIME).....	203
→ ARREPENDIMENTO POSTERIOR.....	203
→ HOMICÍDIO (ART. 121 DO CP)	203
→ DAS LESÕES CORPORAIS (ART. 129 DO CP).....	204
→ DO FURTO (ARTS. 155 E 156 DO CP).....	204
→ DO ROUBO E DA EXTORSÃO (ARTS. 157 A 160 DO CP)	205
→ DA APROPRIAÇÃO INDÉBITA (ARTS. 168 A 170 DO CP)	205
→ DA RECEPÇÃO (ARTS. 180 E 180-A DO CP)	206
→ DOS CRIMES CONTRA A LIBERDADE SEXUAL (ARTS. 213 A 216 DO CP)	206
IGUALDADE RACIAL E DE GÊNERO	207
→ DOS CRIMES CONTRA A HONRA (ARTS. 138 A 145 DO CP)	207
→ CONVENÇÃO INTERNACIONAL SOBRE ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL (DEC. Nº 65.810).....	207
→ CONVENÇÃO SOBRE ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER (DEC. Nº 4.377, DE 2002).....	208
→ LEI Nº 12.288, DE 2010 - ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL	209

→ LEI Nº 7.716, DE 1989 – CRIMES DE PRECONCEITO DE RAÇA OU COR.....	212
→ LEI Nº 9.455, DE 1997 - CRIMES DE TORTURA.....	214
→ DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER (ARTS. 5º A 7º DA LEI Nº 11.340, DE 2006).....	214
→ DA ASSIST. À MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉST./FAMILIAR (ARTS. 8º A 12 DA LEI Nº 11.340, DE 2006).....	215
→ DISPOSIÇÕES GERAIS (ARTS. 13 A 17 DA LEI Nº 11.340, DE 2006).....	217
→ DAS MEDIDAS PROTETIVAS DE URGÊNCIA (ARTS. 18 A 24-A DA LEI Nº 11.340, DE 2006).....	217
→ DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS E FINAIS (ARTS. 33 A 46 DA LEI Nº 11.340, DE 2006).....	219
 DIREITO PENAL MILITAR.....	 221
→ DA SUSPENSÃO CONDICIONADA (ARTS. 84 A 88 DO CPM).....	221

PORTUGUÊS

→ ORTOGRAFIA - CASOS GERAIS E EMPREGO DAS LETRAS

1. (FCC – 2019) Todas as palavras estão grafadas corretamente em:

- Talvez restem poucas reminiscências no imaginário coletivo dos males de algumas doenças evitadas pela vacinação.
- Os médicos reivindicam uma maior aderência dos pacientes às campanhas esclarecedoras sobre a vacinação.
- O medo de que as vacinas façam mau às crianças tem levado o Ministério da Saúde a rever suas estratégias.
- A ignorância quanto aos riscos das vacinas se estende das camadas mais pobres às mais abastadas da população.
- O ideal é que os responsáveis vacinem seus filhos espontaneamente, visando protegê-los e colaborando com o coletivo.

2. (FCC – 2019) Todos os vocábulos estão grafados **corretamente** em:

- Jornalista renomado, Ruy Castro já produziu textos para diversos veículos da imprensa brasileira.
- Além de jornalista, Ruy Castro é ezímio biógrafo. Seus livros sobre Nelson Rodrigues e Garrincha são famosos.
- Grande parte da produção jornalística de Ruy Castro foi eternizada em livros, os quais são elogiados pelos críticos.
- Em seu livro *Chega de Saudade*, Ruy Castro conclui uma reconstituição histórica do período da Bossa Nova no Brasil.
- Ruy Castro fala de seus hábitos como jornalista desde a época em que redigia os textos à máquina de escrever.

→ ACENTUAÇÃO

3. (FCC – 2019)

Diversos países estão propondo alternativas para enfrentar o problema da poluição oceânica, mas, até o momento, não tomaram quaisquer medidas concretas. A organização holandesa The Ocean Cleanup resolveu dar um passo à frente e assumir a missão de combater a poluição oceânica nos próximos anos.

A organização desenvolveu uma tecnologia para erradicar os plásticos que poluem os mares do planeta e pretende começar a limpar o Great Pacific Garbage Patch (a maior coleção de detritos marinhos do mundo), no Oceano Pacífico Norte, utilizando seu sistema de limpeza recentemente redesenhado.

Em resumo, a ideia principal do projeto é deixar as correntes oceânicas fazer todo o trabalho. Uma rede de telas em forma de “U” coletaria o plástico flutuante até um ponto central. O plástico concentrado poderia, então, ser extraído e enviado à costa marítima para fins de reciclagem.

(Texto adaptado. Disponível em: <https://futuroexponencial.com>. Acesso em: 04 out. 2022.)

Em resumo, a ideia principal do projeto é deixar as correntes oceânicas fazer todo o trabalho.

O conteúdo da frase acima está preservado nesta outra redação, respeitando-se as regras de ortografia e acentuação:

- Em síntese, a ideia principal do projeto equivale a deixar que as correntes oceânicas furtem-se a quaisquer trabalhos.
- Para sintetisar, a ideia principal do projeto tem haver com deixar que as correntes oceânicas executem o trabalho integralmente.
- De modo suscito, a ideia principal do projeto está em deixar que as correntes oceânicas desempenhem qualquer trabalho.
- Em poucas palavras, a ideia principal do projeto consiste em deixar que as correntes oceânicas realizem o trabalho completo.
- Sem mais delongas, a ideia principal do projeto assemelha-se a deixar que as correntes oceânicas desempenhem hesitosamente o trabalho.

→ SUBSTANTIVO

4. (FCC – 2022) **Atenção:** Para responder à questão, leia a crônica “Tatu”, de Carlos Drummond de Andrade.

O luar continua sendo uma graça da vida, mesmo depois que o pé do homem pisou e trocou em miúdos a Lua, mas o tatu pensa de outra maneira. Não que ele seja insensível aos amavios do plenilúnio; é sensível, e muito. Não lhe deixam, porém, curtir em paz a claridade noturna, de que, aliás, necessita para suas expedições de objetivo alimentar. Por que me caçam em noites de lua cheia, quando saio precisamente para caçar? Como prover a minha subsistência, se de dia é aquela competição desvairada entre bichos, como entre homens, e de noite não me dão folga?

Isso aí, suponho, é matutado pelo tatu, e se não escapa do interior das placas de sua couraça, em termos de português, é porque o tatu ignora sabiamente os idiomas humanos, sem exceção, além de não acreditar em audiência civilizada^b para seus queixumes. A armadura dos bípedes é ainda mais invulnerável que a dele, e não há sensibilidade para a dor ou a problemática do tatu.

Meu amigo andou pelas encostas do Corcovado, em noite de prata lunar, e conseguiu, por artimanhas só dele sabidas, capturar vivo um tatu distraído. É, distraído. Do contrário não o pegaria. Estava imóvel, estático, fruindo o banho de luz na folhagem, essa outra cor que as cores assumem debaixo da poeira argentina da Lua. Esquecido das formigas, que lhe cumpria pesquisar e atacar, como quem diz, diante de um motivo de prazer: “Daqui a pouco eu vou trabalhar; só um minutinho mais, alegria da vida”, ficou-se à mercê de inimigos maiores. Sem pressentir que o mais temível deles andava por perto, em horas impróprias à deambulação de um professor universitário.

Mas que diabo você foi fazer naqueles matos, de madrugada?

Nada. Estava sem sono, e gosto de andar a esmo, quando todos roncam.

Sem sono e sem propósito de agredir o reino animal, pois é de feitio manso, mas o velho instinto^c cavernal acordou nele, ao sentir qualquer coisa a certa distância, parecida com a forma de um bicho. Achou logo um cipó bem forte, pedindo para ser usado na caça; e jamais tendo feito um laço de caçador, soube improvisá-lo com perícia de muitos milhares de anos (o que a universidade esconde, nas profundas camadas^d do ser, e só permite que venha aflorar em noite de lua cheia!).

Aproximou-se sutil, laçou de jeito o animal desprevenido. O coitado nem teve tempo de cravar as garras no laçador. Quando agiu, já este, num pulo, desviara o corpo. Outra volta no laço. E outra. Era fácil para o tatu arrebeitar o cipó com a força que a natureza depositou em suas extremidades. Mas esse devia ser um tatu meio parvo, e se embaraçou em movimentos frustrados. Ou o sereno narrador^e mentiu, sei lá. Talvez o tenha comprado numa dessas casas de suplício que há por aí, para negócio de animais. Talvez na rua, a um vendedor de ocasião, quando tudo se vende, desde o mico à alma, se o PM não ronda perto.

Não importa. O caso é que meu amigo tem em sua casa um tatu que não se acomodou ao palmo de terra nos fundos da casa e tratou de abrigar longa escavação que o conduziu a uma pedreira, e lá faz greve de fome. De lá não sai, de lá ninguém o tira. A noite perdeu para ele seu encanto luminoso^a. A ideia de levá-lo para o zoológico, aventada pela mulher do caçador, não frutificou. Melhor reconduzi-lo a seu hábitat, mas o tatu se revela profundamente contrário a qualquer negociação com o bicho humano, que pensa em apelar para os bombeiros a fim de demolir o metrô tão rapidamente feito, ao contrário do nosso, urbano, e salvar o infeliz. O tatu tem razões de sobra para não confiar no homem e no luar do Corcovado.

Não é fábula. Eu compreendo o tatu.

(Adaptado de: ANDRADE, C. D. **Os dias lindos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)

O termo que qualifica o substantivo na expressão feitio manso (6º parágrafo) tem sentido equivalente ao termo que qualifica o substantivo em:

- a) encanto luminoso
- b) audiência civilizada.
- c) velho instinto
- d) profundas camadas.
- e) sereno narrador.

5. (FCC – 2022) Atenção: Para responder à questão, leia a crônica “Tatu”, de Carlos Drummond de Andrade.

O luar continua sendo uma graça da vida, mesmo depois que o pé do homem pisou e trocou em miúdos a Lua, mas o tatu pensa de outra maneira. Não que ele seja insensível aos amavios do plenilúnio; é sensível, e muito. Não lhe deixam, porém, curtir em paz a claridade noturna, de que, aliás, necessita para suas expedições de objetivo alimentar. Por que me caçam em noites de lua cheia, quando saio precisamente para caçar? Como prover a minha subsistência, se de dia é aquela competição desvairada entre bichos, como entre homens, e de noite não me dão folga?

Isso aí, suponho, é matutado pelo tatu, e se não escapa do interior das placas de sua couraça, em termos de português, é porque o tatu ignora sabidamente os idiomas humanos, sem exceção, além de não acreditar em audiência civilizada para seus queixumes. A armadura dos bípedes é ainda mais invulnerável que a dele^e, e não há sensibilidade para a dor ou a problemática do tatu.

Meu amigo andou pelas encostas do Corcovado^b, em noite de prata lunar, e conseguiu, por artimanhas só dele sabidas, capturar vivo um tatu distraído. É, distraído. Do contrário não o pegaria. Estava imóvel, estático, fruindo o banho de luz na folhagem, essa outra cor que as cores assumem debaixo da poeira argentina da Lua. Esquecido das formigas, que lhe

cumpria pesquisar e atacar, como quem diz, diante de um motivo de prazer: “Daqui a pouco eu vou trabalhar; só um minuto mais, alegria da vida”, ficou-se à mercê de inimigos maiores. Sem pressentir que o mais temível deles andava por perto, em horas impróprias à deambulação de um professor universitário.

– Mas que diabo você foi fazer naqueles matos, de madrugada?

– Nada. Estava sem sono, e gosto de andar a esmo, quando todos roncam.

Sem sono e sem propósito de agredir o reino animal, pois é de feitio manso, mas o velho instinto cavernal acordou nele, ao sentir qualquer coisa a certa distância, parecida com a forma de um bicho. Achou logo um cipó bem forte, pedindo para ser usado na caça; e jamais tendo feito um laço de caçador, soube improvisá-lo com perícia de muitos milhares de anos (o que a universidade esconde, nas profundas camadas do ser, e só permite que venha aflorar em noite de lua cheia!).

Aproximou-se sutil, laçou de jeito o animal desprevenido. O coitado nem teve tempo de cravar as garras no laçador. Quando agiu, já este, num pulo, desviara o corpo. Outra volta no laço. E outra. Era fácil para o tatu arrebeitar o cipó com a força que a natureza depositou em suas extremidades. Mas esse devia ser um tatu meio parvo, e se embaraçou em movimentos frustrados. Ou o sereno narrador mentiu^d, sei lá. Talvez o tenha comprado numa dessas casas de suplício que há por aí, para negócio de animais. Talvez na rua, a um vendedor de ocasião, quando tudo se vende, desde o mico à alma, se o PM não ronda perto.

Não importa. O caso é que meu amigo tem em sua casa um tatu^f que não se acomodou ao palmo de terra nos fundos da casa e tratou de abrigar longa escavação que o conduziu a uma pedreira, e lá faz greve de fome. De lá não sai, de lá ninguém o tira. A noite perdeu para ele seu encanto luminoso. A ideia de levá-lo para o zoológico, aventada pela mulher do caçador, não frutificou. Melhor reconduzi-lo a seu hábitat, mas o tatu se revela profundamente contrário a qualquer negociação com o bicho humano, que pensa em apelar para os bombeiros a fim de demolir o metrô tão rapidamente feito, ao contrário do nosso, urbano, e salvar o infeliz. O tatu tem razões de sobra para não confiar no homem^a e no luar do Corcovado.

Não é fábula. Eu compreendo o tatu.

(Adaptado de: ANDRADE, C. D. **Os dias lindos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)

A coesão textual se dá pela supressão de um substantivo que pode ser facilmente subentendido pelo contexto linguístico em:

- a) O tatu tem razões de sobra para não confiar no homem.
- b) Meu amigo andou pelas encostas do Corcovado.
- c) O caso é que meu amigo tem em sua casa um tatu.
- d) Ou o sereno narrador mentiu.
- e) A armadura dos bípedes é ainda mais invulnerável que a dele.

6. (FCC – 2019)

De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde^(B). Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a família dos deserdados do espírito. **Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação^(C). Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete.^(D)** O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de troços, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano. **O vigário não queria acabar de crer^(A).** Quê! um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!

– Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo(E). Isto é todos os dias.

– Quanto a mim, tornou o vigário, só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

– Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista, depois de refletir um instante, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato...

– Vá que seja, e fico ansioso. Realmente!

(ASSIS, M. de. **O alienista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 24-25)

Verifica-se a elipse de um substantivo no seguinte trecho:

- O vigário não queria acabar de crer.
- De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde.
- Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação.
- Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete.
- Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo.

→ ADJETIVO

7. (FCC – 2022) Atenção: Para responder à questão, leia a crônica abaixo.

Um jornal é lido por muita gente, em muitos lugares; o que ele diz precisa interessar, senão a todos, pelo menos a um certo número de pessoas. Mas o que me brota espontaneamente da máquina, hoje, não interessa a ninguém, salvo a mim mesmo. O leitor, portanto, faça o obséquio de mudar de coluna. Trata-se de um gato.

Não é a primeira vez que o tomo para objeto de escrita. Há tempos, contei de Inácio e de sua convivência. Inácio estava na graça do crescimento, e suas atitudes faziam descobrir um encanto novo no encanto imemorial^a dos gatos. Mas Inácio desapareceu – e sua falta é mais importante para mim do que as reformas do ministério.

Gatos somem no Rio de Janeiro. Dizia-se que o fenômeno se relacionava com a indústria doméstica das cuícas, localizada nos morros. Agora ouço dizer que se relaciona com a vida cara e a escassez de alimentos. À falta de uma fatia de vitela, há indivíduos que se consolam comendo carne de gato, caça tão esquivada quanto a outra.

O fato sociológico ou econômico me escapa. Não é a sorte geral dos gatos que me preocupa. Concentro-me em Inácio, em seu destino não sabido.

Eram duas da madrugada quando o pintor Reis Júnior, que passeia a essa hora com o seu cachimbo e o seu cão, me bateu à porta, noticioso. Em suas andanças, vira um gato cor de ouro como Inácio – cor incomum^c em gatos comuns – e se dispunha a ajudar-me na captura. Lá fomos sob o vento da praia, em seu enalço. E no lugar indicado, pequeno jardim fronteiro a um edifício, estava o gato. A luz não dava para identificá-lo, e ele se recusou à intimidade. Chamados afetuosos não o comoveram; tentativas de aproximação se frustraram. Ele fugia sempre, para voltar se nos via distantes. Amava.

Seria iníquo apartá-lo do alvo de sua obstinada contemplação^b, a poucos metros. Desistimos. Se for Inácio, pensei, dentro de um ou dois dias estará de volta. Não voltou.

Um gato vive um pouco nas poltronas, no cimento ao sol, no telhado sob a lua. Vive também sobre a mesa do escritório, e o salto preciso que ele dá para atingi-la é mais do que impulso para a cultura. É o movimento civilizado de um organismo plenamente ajustado às leis físicas, e que não carece de suplemento de informação. Livros e papéis, sim, beneficiam-se

com a sua presteza austera^d. Mais do que a coruja, o gato é símbolo e guardião da vida intelectual.

Depois que sumiu Inácio, esses pedaços da casa se desvalorizaram. Falta-lhes a nota grave^e e macia de Inácio. É extraordinário como o gato “funciona” em uma casa: em silêncio, indiferente, mas adesivo e cheio de personalidade. Se se agravar a mediocridade destas crônicas, os senhores estão avisados: é falta de Inácio. Se tinham alguma coisa aproveitável era a presença de Inácio a meu lado, sua crítica muda, através dos olhos de topázio que longamente me fitavam, aprovando algum trecho feliz, ou através do sono profundo, que antecipava a reação provável dos leitores.

Poderia botar anúncio no jornal. Para quê? Ninguém está pensando em achar gatos. Se Inácio estiver vivo e não sequestrado, voltará sem explicações. É próprio do gato sair sem pedir licença, voltar sem dar satisfação. Se o roubaram, é homenagem a seu charme pessoal, misto de circunspeção e leveza; tratem-no bem, nesse caso, para justificar o roubo, e ainda porque maltratar animais é uma forma de desonestidade. Finalmente, se tiver de voltar, gostaria que o fizesse por conta própria, com suas patas; com a altivez, a serenidade e a elegância dos gatos.

(ANDRADE, C. D. **Cadeira de balanço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020)

O termo que qualifica o substantivo na expressão “sorte geral” tem sentido oposto ao termo que qualifica o substantivo em:

- encanto imemorial.
- obstinada contemplação.
- cor incomum.
- presteza austera.
- nota grave.

8. (FCC – 2022) Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

Neide Gondim faz parte da primeira geração de pensadores da Universidade Federal do Amazonas empenhados em pensar a Amazônia em um movimento inverso do que, costumeiramente, é feito, ou seja, de dentro para fora. Sua obra reflete sobre o que pensavam os europeus que chegaram à Amazônia pela primeira vez no século 16. Esses conquistadores ganharam a vez de contar a história e o fizeram do ponto de vista de onde partiram.

Em livros como “A invenção da Amazônia”, Neide Gondim reconstrói brilhantemente os caminhos desse pensamento, que veio a fundar uma tradição estética sobre a Amazônia, em que predomina o paradoxal, o hiperbólico, o contraditório, o infernal e o paradisíaco. A autora redesenha o pensamento europeu dos homens que se atiraram ao mar em busca de comprovar as teorias especulativas sobre o mundo medieval. Ela identifica em sua bagagem duas lupas iluminadas pelo imaginário fantástico: as escrituras bíblicas e o Oriente conhecido por meio de livros e relatos de viagens.

É por meio dessa literatura, que serve até hoje de documento histórico, que Neide Gondim vai trançando as imagens que se projetaram sobre o país das amazonas nas Américas e, desse modo, descortina as representações europeias sobre a região que hoje conhecemos como Amazônia.

A autora identifica uma obsessão do europeu medieval: encontrar o paraíso sobre a terra, longe da fome e da peste que assolavam a Europa medieval.

Quando se aventuraram mais adentro das Américas, os europeus pensaram ser o grande rio um mar de águas doces. Nele buscaram encontrar a exuberância fantástica da Índia e as guerreiras amazonas, cuja imagem carregavam consigo devido à forte influência da Grécia Antiga.

O primeiro relato data de 1542, do cronista Gaspar de Carvajal, que acompanhava Francisco de Orellana na primeira descida pelo rio, vindo do Peru em direção ao Atlântico. Neide Gondim identifica os mesmos recursos utilizados por Marco Polo ao falar sobre o Oriente nas descrições de Carvajal.

Carvajal afirma ter guerreado com as amazonas; dá a localização do Rio de Ouro que levaria até Manoa, a capital de ouro das amazonas; ao mesmo tempo, descreve o curso dos rios com precisão de navegador.

Muitas teorias floresceram durante os séculos seguintes na tentativa de explicar toda a novidade encontrada nas Américas. Darwin colocou as gentes da Amazônia na primeira idade evolutiva da humanidade; a Amazônia seria como um grande museu natural. O determinismo de Buffon afirmava que essas gentes não conseguiram evoluir em consequência do clima quente. Montaigne via na ausência do rei a evolução paradisíaca para onde o europeu deveria seguir. Locke via na ausência do Estado a causa da degeneração daquelas gentes.

Tais ideias se difundiram por meio da ciência, da filosofia, das letras. Seus traços fantásticos são revestidos de verdade científica a partir do argumento de autoridade. Essas ideias estigmatizaram as gentes da Amazônia como primitivos, indolentes, infantis e bestializados. Estigmatizaram também a floresta como uma entidade fantástica distante e desconhecida no imaginário mundial.

Para Neide Gondim, a representação hiperbólica da Amazônia é uma tentação de que quase ninguém escapa. Para a autora, essa representação edênica começou no imaginário medieval sobre o incompreensível Oriente e a desconhecida América. Toda essa trança imaginária é apresentada com muita leveza e habilidade na obra de Neide Gondim.

(Adaptado de: DASSUEM, N. Disponível em: www.amazonamazonia.com.br. Acesso em: 04 out. 2022.)

O adjetivo que, no contexto, está empregado como substantivo encontra-se no trecho:

- Nele buscaram encontrar a exuberância fantástica da Índia. (5º parágrafo)
- a representação hiperbólica da Amazônia. (9º parágrafo)
- pensaram ser o grande rio um mar de águas doces. (5º parágrafo)
- Ela identifica em sua bagagem duas lupas iluminadas pelo imaginário fantástico. (2º parágrafo)
- em que predomina o paradoxal. (2º parágrafo)

9. (FCC – 2022)

As redes sociais se apresentam como uma espécie de “praça pública virtual”, na qual indivíduos interagem e empresas anunciam seus produtos. Entretanto, ao contrário do espaço público tradicional (físico), plataformas de redes sociais moldam quem e o que encontraremos durante a conexão. A lógica por trás disso é que tenhamos um espaço customizado, no qual nos deparemos com aqueles que conosco se assemelham e com produtos que almejamos. Conectar-se de forma sadia às redes sociais demanda alguns cuidados. O primeiro deles, é saber como a maior parte das redes sociais funciona. Não ignorar que cada um de nós é o verdadeiro produto pode nos garantir experiência saudável nesse ambiente. Desconsiderar esse ponto é o atalho para vivenciar aquilo que se pode definir como conectividade tóxica.

Um segundo aspecto, decorrente do anterior, diz respeito às pessoas, às notícias e aos produtos com os quais nos deparemos.

Nosso histórico de acessos na internet permite que as plataformas direcionem conteúdo sob medida a cada um de nós. Isso inclui sugestões de amizade, apresentação de notícias e, claro, publicidade. A depender das configurações de nossos aparelhos eletrônicos, falas simples, mesmo enquanto não usamos tais dispositivos, podem ser captadas por mecanismos de inteligência artificial e transformadas em material que chega às nossas telas sem que nada busquemos. Um terceiro aspecto consiste em não nos deixarmos levar pelo aparente conforto que as redes propiciam. Com o uso frequente, permitimos que as plataformas criem nossa “própria bolha”.

Levados pelo desejo, curvamo-nos à facilidade do consumo e tornamo-nos presas fáceis de golpes que prometem

vantagens fantásticas e inverídicas. Diante de falsas notícias, que tendem a nos agradar ou atemorizar, abrimos mão da necessária reflexão, e preferimos compartilhá-las sem nem mesmo conferir se provêm de fonte confiável. Em ambos os casos, somos fantoches manipulados por interesses alheios.

(Adaptado de: AMARAL, L. F. **Conexão Sadia**. Disponível em: Istoe.com.br/conexao-sadia. Acesso em: 04 out. 2022.)

Alterada a ordem do adjetivo na expressão, observa-se, de modo mais significativo, a mudança de sentido em:

- vantagens fantásticas.
- verdadeiro produto.
- falsas notícias.
- necessária reflexão.
- interesses alheios.

10. (FCC – 2021)

A beleza total

A beleza de Gertrudes fascinava todo mundo e a própria Gertrudes. Os espelhos pasmavam diante de seu rosto, recusando-se a refletir as pessoas da casa e muito menos as visitas. Não ousavam abranger o corpo inteiro de Gertrudes. Era impossível, de tão belo, e o espelho do banheiro, que se atreveu a isto, partiu-se em mil estilhaços.

A moça já não podia sair à rua, pois os veículos paravam à revelia dos condutores, e estes, por sua vez, perdiam toda a capacidade de ação. Houve um engarrafamento monstro, que durou uma semana, embora Gertrudes houvesse voltado logo para casa.

O Senado aprovou lei de emergência, proibindo Gertrudes de chegar à janela. A moça vivia confinada num salão em que só penetrava sua mãe, pois o mordomo se suicidara com uma foto de Gertrudes sobre o peito.

Gertrudes não podia fazer nada. Nascera assim, este era o seu destino fatal: a extrema beleza. E era feliz, sabendo-se incomparável. Por falta de ar puro, acabou sem condições de vida, e um dia cerrou os olhos para sempre. Sua beleza saiu do corpo e ficou pairando, imortal. O corpo já então enfezado de Gertrudes foi recolhido ao jazigo, e a beleza de Gertrudes continuou cintilando no salão fechado a sete chaves.

(ANDRADE, C. D. de. **Contos plausíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)

O termo que qualifica o substantivo, conferindo a ele ideia de inexorabilidade, compõe a seguinte expressão:

- beleza total (título).
- capacidade de ação (2º parágrafo).
- lei de emergência (3º parágrafo).
- destino fatal (4º parágrafo).
- extrema beleza (4º parágrafo).

→ CONJUGAÇÃO, RECONHECIMENTO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS

11. (FCC – 2022) Leia a crônica “Cobrança”, de Moacyr Scliar, para responder a questão.

“Cobrador usa intimidação como estratégia. Empresas de cobrança usam técnicas abusivas, como tornar pública a dívida.”

(Cotidiano, 10.09.2001)

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: “Aqui mora uma devedora inadimplente.”

– Você não pode fazer isso comigo – protestou ela.